

|            |                                |       |
|------------|--------------------------------|-------|
| PMS        | FMLF                           | GERIN |
| BIBLIOTECA |                                |       |
| Jornal     | A Tarde                        |       |
| Data       | 22/05/99                       |       |
| Edição     | 2ma                            | 6     |
| Seção      |                                |       |
| Assunto    | Estação de Transporte (Pirajá) |       |



*Terminal mudou de nome e até de local, mas os problemas continuam*

## Estação Pirajá: uma provação diária para 100 mil pessoas

Adilson Fossêca

No espaço de 5.810 metros quadrados de área coberta, mais de 100 mil pessoas vivem um transtorno diário no início da manhã e final da tarde, na disputa por um lugar em um dos ônibus que servem à Estação Pirajá. Reconstruída com o atual nome em 1994, pela ex-prefeita Lídice da Mata, o terminal de ônibus, o segundo maior de Salvador, atende basicamente aos moradores dos bairros situados ao longo da Estrada Velha do Aeroporto, Pau da Lima, Castelo Branco e Cajazeiras.

Com o acidente na Estação da Lapa, forçando a sua interdição no último dia 12 de abril, a Estação Pirajá passou a ser o maior terminal de ônibus urbano em Salvador. Por ali circulam 29 linhas de ônibus, entre as 4 horas da manhã e 1 hora do dia seguinte. As dificuldades são inúmeras, desde o acesso à estação, feito através de uma transversal da Estrada da Mata Escura, à ligação entre Campinas de Pirajá à BR-324. Nos horários de pico, esses acessos ficam congestionados, causando revolta aos

usuários. Para tentar controlar o enorme fluxo de veículos e pessoas no espaço diminuto da estação, a Superintendência de Transportes Públicos da Prefeitura (STP) trabalha com 35 funcionários nos três turnos, fiscalizando horários e roteiros dos ônibus.

Há pouco mais de dez anos, a atual Estação Pirajá funcionava em um terreno que hoje é a garagem de uma empresa de ônibus, na confluência entre a avenida Aliomar Baleeiro com acesso para a Brasilgás, com o nome de Terminal EVA (Estrada Velha do Aeroporto). Posteriormente foi transferida para a atual área, já rebatizada com o nome de Terminal Nova Esperança, depois Estação Nova Esperança (ENE), com exclusividade de operação da antiga empresa Ogunjá. Em 11 de outubro de 1994, a ex-prefeita Lídice da Mata fechou a estação para reabri-la em 25 de novembro do mesmo ano, com nova estrutura, que permanece até hoje.

O terminal de ônibus é uma espécie de "alçapão" para os usuários, cercados por alambrados, e cujo acesso a pé é controlado por vigilantes.